O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 79

1 DE MARÇO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O Mephistopheles de Arrigo Boito, — O marquez de Fronteira e Alorna, BERNARDO PINHEIRO — Os Pendões das Inquisições de Lisboa e de Evora, A. FILIPPE SIMÕES — As nossas gravuras — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Os congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R. — O Nursery, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — Publicações.

GRAVURAS. — Marquez de Fronteira e de Alorna — O maestro Arrigo Boito, auctor da opera Mephistopheles — Pendões da inquisição de Lisboa — Guimarães, egreja de S. Miguel onde foi baptisado D. Affonso Henriques — Viagem de exploração na Africa Equatorial, Mu-quiche Cu-hangana Deuses da Floresta — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou finalmente o grande acontecimento ha tanto tempo esperado, chegou a primeira representação do *Mephistopheles*.

Ha tanto tempo que se fallava n'esse *Mephistopheles*! e que desejos que havia de ouvil-o desde que Borghi-Mamo, o anno passado, nos cantou, na noite do seu beneficio, um trecho adoravel da opera de Boito. Mas fallava-se muito n'elle, e elle não apparecia nem á mão de Deus Padre, o que não admira dada a sua qualidade de diabo.

«Começaram os ensaios dos coros,» disse-se desde o principio da época lyrica; «Principiaram-se hoje a pintar as scenas» participou-se d'alli a oito dias; «Deram-se hoje os primeiros alinhaves nos fatos dos coristas» segredou-se d'ali a tres dias; «Foi hoje para a orchestra a partitura» confidenciou-se d'ali a vinte e quatro horas. E entretanto nada de *Mephistopheles*, todos fallavam n'elle e ninguem o via como acontece com Deus, o seu inimigo fidagal.

MARQUEZ DE FRONTEIRA E ALORNA — Fallecido em 19 de Fevereiro de 1881
(Segundo uma photographia de Rocha)

Por fim correu a noticia de que os fatos estavam a fazer em Milão. «A opera está prompta, vae qualquer dia, passou então a dizer-se a demora agora é por causa dos fatos, logo que elles venham temos *Mephistopheles*.»

E lá vae mais um mez á espera que Milão nos mande os fatos.

Um dia corre a noticia que os fatos estam a despacho na alfandega.

Excellente, ahi temos o *Mephistopheles*. Qual *Mephistopheles* nem qual... *Mephistopheles*.

Mais quinze dias sobre essa noticia, e a gente todos os dias a olhar para os cartazes de S. Carlos, e quando não era o *Roberto*, era o *D. João*, quando não era o *D. João*, era os *Huguenottes*, e quando não era nem os *Huguenottes*, nem o *D. João*, nem o *Roberto*, era finalmente a *Marta*.

Reinava já fundo animo entre os *dillitanti*. Entretanto chegou a semana do carnaval.

Agora, agora é que é, diziam todos como que para cobrar animo.

E olhava-se para o cartaz. E d'esta vez nem já era o *Roberto*, nem sequer a *Marta*, não era nada.

E assim se passou até quarta feira n'uma espectativa anciosa, cruel.

Nada já não vae senão depois do entrudo! diziam todos á uma, e até alguns jornaes.

Pois, não senhor, exactamente quando menos se espera é que acontecem as coisas, e na quarta feira ao meio dia Lisboa embasbacada, espantada, maravilhada, via apparecer nas esquinas do sr. D. Thomaz de Mello, uns cartazes grandes dizendo em letras

negras, muito esguias e muito unidas, uma imagem typographica dos bancos de S. Carlos:

MEPHISTOPHELES

— Era elle, finalmente era elle. Oh! ha um Deus! exclamaria na situação um heroe de drama antigo. Oh! ha um diabo! exclamou Lisboa e foi a correr para S. Carlos pedir pelo amor de Deus ao sr. Freitas Brito que lhe desse uma noite de aperto, de calor, de tortura nos bancos da platéa, e que lhe aceitasse os seus oitocentos réis.

Ás oito horas em ponto estava tudo no theatro, pontualidade que é falta de elegancia nas recitas ordinarias, mas que nas noites de opera virgem tem um grande tom de pessoa muito interessada em musica e muito entendida na materia.

Ás primeiras notas da abertura o publico percebeu muito bem que ia perceber muito mal. A musica de Boito, um compositor novo para as nossas platéas não se mette dente facilmente com ella.

Levanta-se o panno e apparece outro panno representando nuvens.

O publico caiu d'ellas, sobre tudo quando não viu apparecer ninguem e ouviu cantar sem ver abrir boccas, como se ouve a orchestra na grande triologia wagneriana. E quando elle imaginava que o acto ia começar, que estavam por um triz a apparecer a Borghi-Mamo o Fancelli e o Nanette, de quem se ouvia ha pedaço a voz, o panno cae. Tinha acabado o prologo, sem que o publico tivesse dado por elle ter começado.

Ora eu não me proponho a contar aqui as impressões que a opera deixou nem a tentar esboçar ao de leve uma critica do *Mephistopheles*.

Ouvi-o, como os senhores o ouviram, applaudi, como os senhores applaudiram aquella assombrosa Borghi-Mamo, que todas as noites se excede a si propria, o que é positivamente o cumulo do excesso, quando essa *propria cantora* parece cada noite inexcedivel; pedi *bis*, tambem, como os senhores pediram, ao famoso quarteto do terceiro acto, occupei-me da opera emquanto ella pertencia ao dominio d'esta chronica, emquanto era esperada anciosamente por toda a população que tem ouvidos, e que tem dinheiro para fazer bom uso d'elles, agora desde o momento em que o panno sobe, e que a opera pertence á critica, a critica que se avenha com ella, e passo á ordem do dia, a essa diabolica ordem do dia, que está agora originando quotidianamente conflictos, votações, e artigos de fundo emphaticos, na camara dos deputados. — A ordem do dia hoje, é o que póde ser a ordem do dia de entrudo; mascarados, danças burlescas, bailes populosos, pós e bisnagas.

Eu não sei se lhes acontece o mesmo do que a mim; eu cá tenho um profundo horror por esse nome imbecil, dissonante, antipathico de bisnaga.

Não sei quem o inventou, mas fosse quem fosse, tinha um ouvido muito pouco melodico, um ouvido digno de corista de S. Carlos.

Bisnaga, é a palavra mais feia que ha em portuguez, e entretanto serve para baptisar uma coisa que tem com a sua agua de mau cheiro, baptisado mais pessoas que o prior de Santos a freguezia em que mais avulta o numero de baptismos.

Ora os costumes vão-se modificando muito, vão-se adoçando, perfumando até, mas é necessario confessar, que os costumes carnavalescos tem perdido muito em logica, em bom senso, em economia.

D'antes, os nossos avós tinham da brincadeira d'entrudo uma idéa muito mais nitida, e sobre tudo muito mais barata do que nós temos.

Durante o inverno guardavam-se em casa cautelosamante, previdentemente, os taxos quebrados, todos os cacos confeccionados pela cozinheira durante os jantares do inverno, guardavam-se as cascas das laranjas, as cascas dos ovos, as vassouras passadas á disponabilidade, as luvas velhas, e quando chegavam os tres dias de entrudo agora o vereis. Ia tudo isto n'um enorme caixote para o pé da janella, e emquanto havia lixo em casa, ninguem passava impunemente, ou pelo menos, limpamente, pela rua. A luva cheia de areia, fazia um som baço, sobre os chapeus altos, lustrosos, dava dinheiro a ganhar ao Roxo, ao Gresielli, ao Guerra, ao Peixoto; os cacos voavam certeiros ás pernas dos transeuntes, ás vezes enganavam-se e faziam cacos das cabeças, mesmo as mais resistentes, o lixo, desdobrava-se em amplo lençol sobre as casacas, pretas e se se brincava com delicadeza, com amabilidade, com galanteria, em vez de lixo e de cacos atirava-se a quem passava com agua, mas não em bisnagas, em... barris.

Tudo isto eram divertimentos que sahiam baratos a quem os fazia, e caros a quem elles eram feitos. Juntavam-se assim os dois grandes principios carnavalescos: divertir-se a gente e prejudicar os outros.

Hoje a tradicção perdeu-se, e a nova feição que tomaram os brinquedos carnavalescos dá em resultado que a victima é quem brinca.

O supremo divertimento dos entrudos modernos é a bisnaga, um divertimento que transforma o auctor e é agradavel á victima.

Porque no fim de tudo a victima fica perfumada de graça, e a peça de entrudo vira-se totalmente contra quem a faz, que gasta caudalosos rios de dinheiro para obter pequenos regatos de perfume, e por fim fica com as mãos todas cheias de verniz das bisnagas, emquanto os outros ficam alagados em aromas.

Ora eu não faço senão registar um facto historico, estudal-o, analysal-o, mas de modo algum lamento o entrudo que passou, sobretudo porque esse entrudo dava a toda a gente a faculdade de me partir a cabeça com qualquer tacho velho, e o actual dá-me o sagrado direito de não perfumar ninguem.

—E eu uso e abuso tanto d'esse direito, que o estendo até me furtar ás semsaborias dos bailes de mascara. Sei entretanto que os bailes de D. Maria são sumptuosos este anno, sumptuosos pelo luxo e elegancia das salas. Isso que depende perfeita e exclusivamente da von tade da empreza, que é muito intelligente e tem muito bom gosto, acredito-o piamente. Agora o que a empreza não póde fazer é dar espirito ás mascaras, graças á intriga, espaço para andar, ar para respirar, e como isso não depende d'ella por isso eu lá não vou.

— O baile do paço esteve muito animado. O pittoresco da festa foi muito prejudicado pela revogação da pragmatica do calção e meia para os deputados. D'esta vez os eleitos do povo substituiram a meia preta pela facha bicolôr, o que foi deploravel para muitos deputados, porque estas festas reaes eram a unica parte onde podiam ostentar *talento*.

GERVASIO LOBATO.

O MEPHISTOPHELES DE A. BOITO

I

O logar que no OCCIDENTE occupa hoje Arrigo Boito não o deve este só ao seu distincto talento e á sua notavel obra.

A curiosidade publica excitada pela execução da opera, já célebre hoje no mundo, do novo maestro italiano, não é o principal motivo que nos obriga a esboçal-o com a possivel fidelidade e a tentar deixar notadas as feições mais caracteristicas do homem e do artista.

É que a Italia mostra-nos Arrigo Boito como o primeiro e, por ora, o melhor representante da nova direcção que a esthetica allemã e a critica franceza conseguiram imprimir, ali á arte musical.

A Italia, a Hespanha e a Allemanha, são as nossas tres grandes almas musicaes. As tres formas distinctas de arte que estas trez raças apresentam, sairam expontaneamente, nos seus elementos fundamentaes, do espirito do povo, das suas creações anonymas e collectivas, da forma dos seus sentimentos, da accentuação dos seus idiomas, — quasi diria da côr e da fórma dos seus trajes historicos, do caracter das suas physionomias, éthnologicas, da entoação das suas paisagens.

E por isto que de prompto se sente, ao escutar um trecho de musica, se elle é allemão, italiano ou hespanhol: sempre tem quando d'estas tres origens, uma originalidade essencial.

N'estas trez formas pois se resume hoje a grande musica definida da Europa.

N'um segundo plano, ainda vagamente indistinctas, deixam-se já todavia perceber a arte Slava, — polaca, russa, bohemia, — a arte Escandinava — norueguеza, succa, dinamarqueza, — a arte Celta, — irlandeza, escoceza.

E' no meio d'este grande concerto de verdadeiras creações, que a França nos apparece espirituosa, delicada, critica mas copiando.

Dos trez grandes systemas de musica que deixo apontados, o hespanhol está quasi ainda na infancia, nas formulas populares que esperam com os seus riquissimos recursos naturaes, que um guia musical os venha tomar como materiaes bastantes de uma obra sublime.

A arte italiana, ha muito já distante das formas meramente populares, immobilisou-se todavia n'um convencionalismo sabio mas estreito, — parando á superficie dos sentimentos, em vez de mergulhar bem fundo no coração humano, — e não concebendo inteiramente a união de todas as artes e de todas as forças do espirito na realisação das grandes totalidades geniaes.

A Allemanha, pelo contrario, tem posto em musica toda a sua grande alma: Desde os *Lieder* e desde Schubert, até á Symphonia e á opera philosophica; d'esde Sebastião Bach, e Haydn e Mozart, e Beethoven e Gluck e Weber e Meyerbeer e Mendelsohn, e Schuman e Wagner, todos os sentimentos expontaneos do espirito, e todos os sentimentos litterarios e historicos, todas as vagas idealisações transcendentes, todos os quadros, todas as visões, todas as syntheses que resultam das artes, auxiliando-se e interpretando-se entre si, para tudo a musica allemã achou formula, symbolos e effeitos.

Á medida que este movimento creador, e, n'uma grande parte, expontaneo, se dava na Allemanha, o mundo todo estava, apoz a extensa aprendisagem do seculo XVIII, n'uma epocha critica de creações voluntarias e conscientes.

As theorias, as esthetica, os *porquês*, os motivos racionaes, impozeram-se a todas as creações artisticas. A critica sobrepoz-se á expontaneidade dirigindo-a, e as obras d'arte verdadeiramente modernas appareceram.

A Italia continuou entretanto a cantar e a amar, do mesmo canto e do mesmo amor indeterminado e exclusivamente musical de quasi tres seculos, esquecendo muitas vezes o sentimento para admirar a voz na repetição banal das *ficelles* adquiridas, e continuou a ter nos seus maestros os grandes talentos á antiga, cheios de melodias, de arrebatamentos, de paixões espectaculosas, mas sem critica.

Um dia, o *Scala* de Milão, o grande templo glorioso e sagrado da arte italiana, sentiu-se occupado pela gestação d'uma obra extraordinaria.

Um mancebo nascido em Padua e novo ainda fazia ahi ensaiar uma opera que pretendia apresentar em scena a transcripção completa do *Fausto* symbolico de Goethe.

Contavam-se da opera, já mesmo antes d'ella ir á scena, coisas assustadoras:

A nova obra d'arte não podia deixar de ser antipathica ao *grande publico* italiano. Fausto, que em geral é considerado como pouco mais do amante de Margarida, pelas mesmas pessoas que tomam D. João por o mero seductor das mulheres da lista de Leporello, Fausto era um Baritono, amava com effeito Margarida, mas unia-se por fim a Helena, mulher de Menelau, torna viagem de Paris, irmã de Clytemnestra, filha de Leda e de Jupiter. O prologo passava-se entre nuvens; e, por o meio dos actos dialogados, havia quadros symphonicos que descreviam estrepitosas batalhas.

Com effeito, na noite da primeira representação, o publico de Milão, o publico legitimo representante das grandes tradições italianas, fez ao *Mephistopheles* de Arrigo Boito o mais terrivel desastre de que ha noticia em Italia;

é elle ainda hoje citado como um verdadeiro monumento na historia dos *Fiascos*.

A alma genuinamente italiana que achara representações ligitimas na brilhante pleiade que vem de Rossini e Coppola, e Belini, e Mercadante e Donizetti, e Ricci, e Pacini até Verdi, erguia-se vingadoura contra a inovação, e dava ao seu voto a importancia de uma condemnação nacional e popular.

Tempos depois d'essa noite desastrosa Boito era procurado em sua casa por um homem mal trajado que vendo-o lhe disse:

— Senhor, venho pedir-lhe uma esmolla: Eu sou o homem que mais *assobiou* a grande romanza de Baritono na sua opera *Mephistopheles*.

Boito olhou espantado o excentrico; mas logo depois, observando a completa convicção e boa fé com que o homem fallava, deu-lhe dinheiro e apertou-lhe a mão quasi agradecido.

Arrigo Boito não desanimou porém com o successo do *Scala*.

Refez a sua opera, alterou-a ao que parece fundamentalmente e pol-a em scena em Bolonha, quasi como hoje a ouvimos em Lisboa, obtendo então um extraordinario triumpho.

E' d'esse momento que data verdadeiramente a reputação distincta do Compositor e a sua importancia para a critica moderna.

Arrigo Boito foi desde então apresentado como o chefe italiano da escola interpretativa, mais radical ainda que o Verdi da Aïda que já representa um esforço violento para fóra do antigo convencionalismo.

II

Arrigo Boito nasceu em Padua em 184?.

O sr. Arthur Pongin, continuador de F. J. Fetis, dá-nos o anno de 1840 como o do seu nascimento na *Biographie universelle des musiciens*. Boito porém protestou com muito espirito contra essa data n'uma carta:

«Vale a pena, diz elle, que eu proteste contra os dois annos que me attribuem sem razão. Dois annos são importantes para quem já toca nos quarenta.»

A sua educação musical, completa, sabia, fez-se no conservatorio de Milão, de 1853 a 1862.

Ao sair, porém, das escolas, pareceu que o seu talento innegavel faria d'elle um poeta, um litterato e um critico antes do que propriamente um compositor musical.

Uma arte, — sobre tudo nos paizes em que a grande força das qualidades creadoras está, principalmente, na sua espontaneidade, — uma arte absorve quasi inteiramente, nos seus processos technicos, e n'uma abundante producção, o espirito do artista.

Os artistas italianos, hespanhoes, e uma grande parte dos artistas francezes anteriores, na sua educação, aos ultimos 30 annos, não teem tempo nem temperamento para sobreporem, á inspiração sentida, a critica raciocinada. Sentem as idéas e os personagens para os desenharem mas não chegam eruditamente a entender umas ou outros. Por isso, para elles, os criticos, a litteratura philosophica, são sempre, em todos esses paizes, os guias indispensaveis.

Boito, pareceu a principio, com as suas tendencias, a sua constante leitura e a sua solida instrucção technica, apto a ser, para a musica, principalmente, um critico completo.

As suas inspirações, quando compunha, tinham sempre um *porque*, eram um termo de uma dedução logica, e, muitas vezes, parecia mesmo talvez haver mais critica systematica do que propriamente a inspiração, a *scintilla* de que os italianos falam sempre, como da suprema qualidade na arte.

Visto a distancia, e para quem não tem podido seguir intimamente a sua vida laboriosa e illustrada, a carreira de Boito dá, até estes ultimos, tempos a impressão de ser de um litterato que tem veleidades de ser musico.

Os seus versos, e os seus artigos de critica litteraria e musical, são numerosos e dão-lhe ha muito tempo já um distinctissimo logar na litteratura da moderna Italia.

Mas em 1868, essa carreira normal de escriptor interrou-se, momentanea mas violentamente, pela catastrophe ruidosa do *Mephistopheles* em Milão.

Poude por um instante julgar-se que a *mania* musical do poeta e do critico estava curada. A litteratura recebeu-o de novo. Começou a escrever libretos: — o *Amleto* para Franco Faccio, o celebre director da orchestra do *Scala*, o *Ero* e *Leandro* para que depois Bottesini escreveu a musica, um *Tramonto* para Caetano Coronaro, a *Gioconda* para Ponchielli (com o pseudonio de Tobia Gorrio).

Mas, entretanto, a musica, a grande visão sublime da mais sublime de todas as artes, não abandonava o *assobiado* maestro de Milão. O *Mephistopheles*, obra systematica, completa que, como uma estatua, ou um poema ou um filho, tinha organicamente um só author e uma completa unidade, o *Mephistopheles*, obra, a um tempo, do critico, do poeta e do musico que se juntam no espirito riquissimo de Boito, era estudado, trabalhado, transformado, e, finalmente, posto de novo em scena em 1875, no theatro *Communelle* de Bolonha.

Bolonha é, em arte o grande inimigo de Milão. Esta ultima cidade é a mais italiana, a mais conservadora, a cidade onde crystalisaram as tradicções gloriosas da arte de Italia. Bolonha é a povoação revolucionaria, que recebeo novo, as reformas philosophicas e esthetica, os iniciadores artisticos ou litterarios.

Para Boito, ser *fiascato* em Milão, era pois já um excellente motivo para ser applaudido em Bolonha.

O *Mephistopheles* foi attentamente ensaiado, estudado, discutido, combinado, nas suas mais pequenas particularidades.

Na noite da primeira representação porém Milão mandou um grande regimento de *classicos* e amadores do *Bel canto* para destruirem a nova tentativa.

Nada poderam todavia fazer: O triumpho da Opera foi colossal.

E' que n'esse triumpho revelava-se tambem pela primeira vez, em todos os seus extraordinarios recursos, uma das fortes organisações dramaticas da musica moderna: Herminia Borghi Mamo.

Ante um publico que fizera do nome de Adelaide Borghi-Mamo um dos seus brasões de gloria, apparecia uma creança de 18 annos na creação prodigiosa e instinctiva das angustias de Margarida, amante, louca e mãe, e das attitudes classicas da plastica grega dos estatuarios.

Nanetti estudioso, intelligente, creára tambem conscienciosamente o *Mephistopheles*. *Fausto* era cantado então por um tenor de pouca voz, mas delicado de accentuação; Campanini.

O *Mephistopheles* de Boito precorreu então em triumpho toda a Italia, menos Milão, e depois Londres, Barcelona, S. Petersburgo.

Arrigo Boito trabalha, desde então, n'uma grande opera: — o *Nero*.

O novo maestro é vagaroso nos seus trabalhos. É uma natureza scismadora. Passa horas deitado, olhando para o fumo do seu charuto e para o céu.

Extremamente nervoso e impressionavel parece porém extremamente frio. E' loiro, tem os olhos claros, e, por tudo isso, o aspecto de um allemão. As suas commoções traduzem-se por um gesto quasi sempre apenas, fallando pouco, e dizendo, a espaços, alguma coisa inesperada e phantastica.

Quando toca piano, ou quando acompanha, ás vezes, perdido nas idéas que a musica evoca no seu espirito, vae pouco a pouco escorregando na cadeira onde está sentado, olhando para o ar, como que esquecido d'onde está, dos que estão de roda d'elle, e de tudo o que se está passando.

E, quando o obrigam, no theatro, a apparecer sobre a scena, para agradecer as ovações, elle mostra-se sempre com repugnancia, acanhado, *gauche*, *effarouché*.

D'uma variada instrucção litteraria, bom pianista e, hoje, já celebre, a sua companhia é muito procurada.

Mais d'um espirito femenino tem formado, em volta do poeta-maestro, uma lenda sentimental e phantastica.

(Continua) FILIPPE DO AMARAL.

O MAROUEZ DE FRONTEIRA E DE ALORNA

Quem um dia quizer dar em todo o seu relevo a notavel physionomia do preclaro varão cujo retrato hoje publicamos terá, depois de consultar as suas memorias que o marquez deixa ineditas, de fazer a historia dos annos que vão desde 1820 até 1851. e, escrevendo um livro, destacar d'elle em todo o seu brilhantismo a heroica figura do marquez de Fronteira e de Alorna; tal foi o proeminente papel que o marquez desempenhou em todo esse periodo tão gloriosamente agitado da nossa vida constitucional. O seu nome vive na historia ao lado dos duques de Palmella, da Terceira e Saldanha.

Feito assim o elogio do velho e nobre fidalgo, nós, fallando do marquez nos estreitos limites d'um artigo, que outra cousa não é senão a justa homenagem prestada a um grande nome, pomos de parte os gloriosos feitos da sua valente espada para rememorarmos apenas as elevadas virtudes do seu grande coração. Não seguiremos por isso o gentil ajudante do conde de Villa Flor pelos campos da batalha onde se pugnaram as mais rijas pelejas da liberdade, não o acompanharemos nos tristes dias da emigração e do exilio amargurados ainda pela pertinaz doença que o impedia de tomar parte na malograda tentativa da expedição de Belfort e vamos procural-o no tranquillo e socegado viver da sua vida de familia.

* * *

Adorado pelos seus a quem queria com os extremos de que era capaz a sua grande alma, era affavel e bondosissimo para com todos que encontrava no seu caminho. Esmoler, nunca a pobreza bateu em vão á porta do antigo palacio de Bemfica, e quando na rua a indigencia se acercava d'elle, no seu bolso havia sempre uma esmola e na sua bocca uma phrase de resignação e conforto. Os desvalidos que via pela primeira vez era contarem que d'ahi para o futuro encontrariam sempre n'elle um protector e um amigo. Por isso os pobres de Bemfica, os que vivem nas pequenas casas dependencias do Palacio, lamentam hoje com sentidissimas lagrimas a perda d'aquelle que lhes era protecção e abrigo. Essas lagrimas, porém, enxugal-as-ha a caridade da sr.ª condessa da Torre, perfeita herdeira das virtudes do seu pae. Coração extremosamente affectuoso, soffreu na sua longa vida os mais terriveis golpes, as mais duras provações, a morte da sua querida companheira de exilio, que o marquez adorava, de seus irmãos, de seus sobrinhos, de seus cunhados a quem queria como áquelles. As creanças com os seus risos, as suas doudas alegrias encantavam o marquez que as adorava. Os filhos dos seus creados eram todos educados por elle com carinhos de Pae; almoçavam, jantavam á sua meza e era vêl-o cuidadoso, espiando os mais infimos desejos dos pequenos, voltar se para o seu escudeiro sempre de pé detraz da sua cadeira — olha, não serviram este prato á pequenita. — Ellas tambem tinham para elle uma grande attracção. Uma vez appareceu-lhe em casa um pretinho lavado em lagrimas, dizendo com a voz entrecortada por soluços que tinha fugido ao homem que o trouxera d'Africa, porque o queria vender. O marquez tomou conta da creança, educou-a, fez d'ella um homem.

Em Paço d'Arcos, onde comprou uma casa e onde passava os mezes de verão, ia de madrugada para a porta da casa do patrão Joaquim Lopes, seu grande amigo e a quem sempre tratava por tenente Lopes. Nada orgulhoso, muitas vezes o convidou a jantar não se dedignando de sentar á sua mesa esse rude marinheiro pae do seu banheiro, ao lado direito da condessa sua filha. Era assim o marquez. De tarde conversava no caes com os veteranos do forte seus velhos amigos a quem conhecia pelos nomes. Dias antes da sua morte, não se esquecendo de ninguem, recommendou ao conde da Torre o cabo Ferreira, soldado do regimento de infanteria n.º 4, onde fôra cadete.

A sua conversação interessantissima era sempre uma lição. D'uma memoria prodigiosa, sabia, sem discrepancia d'uma data, toda a historia militar d'este seculo, na qual elle tomara uma tão grande parte; e, enthusiasmado, os olhos scintillantes, descrevia com os mais infimos detalhes os rudes combates em que entrára. Memoria tão feliz que elle proprio ditou sete volumes de duzentas a trezentas paginas cada um sem consultar um livro, sem um documento sequer. Outras vezes então contava com o mais fino espirito as anedoctas das suas viagens nos paizes estrangeiros onde, pelo seu nome e pelas suas distinctas qualidades, frequentou sempre a primeira sociedade, assistindo em França á coroação de Carlos X e a todas as festas que por essa epocha se deram nas Tulherias. D'uma educação muitissimo distincta tinha pelas artes uma grande paixão, vivendo em Roma na convivencia do nosso celebre pintor Sequeira. Academico honorario desde 1836, concorreu para a educação artistica d'um pintor dos nossos dias — Marciano da Silva.

Os salões de Bemfica foram sempre o ponto de reunião do corpo diplomatico e de tudo quanto ha de mais distincto na sociedade de Lisboa. Logo que chegava um novo ministro, muitas vezes antes mesmo de apresentar a el-rei as suas credenciaes, visiatva o marquez que não raras vezes se encontrava fallando aos netos dos homens com quem convivera lá fóra. A muitos d'esses, habituados aos requintes mais aristocraticos, faziam impressão as vastas salas de Bemfica, de altos tectos pintados a frescos, os frios azulejos das paredes ornadas pelos retratos de familia, a sala das batalhas com o primeiro marquez de Fronteira de tamanho natural, montado no seu cavallo de combate, e reparavam na correcta figura do marquez tão distincto no meio de toda aquella grandeza, sempre de casaca, o habito de Christo, de que era cavalleiro professo na *boutonière*, a luva da mão esquerda constantemente calçada, atravessando d'um para outro lado com o seu passo miudinho, cabeça um pouco cur-

vada, tendo para todos um sorriso, um sorriso de velho, uma palavra amavel! As suas festas, os domingos de Bemfica, os seus jantares, nos quaes fazia servir os vinhos da sua lavra, o de Loures fabricado por seu pae, tudo n'aquella casa tinha um *cachet* especial.

Quando ultimamente, por occasião do juramento de sua alteza o principe real, el-rei quiz dar ao marquez uma prova da sua alta consideração elevando-o á dignidade de duque, o marquez, beijando respeitosamente a mão de sua magestade, de quem era amigo dedicado, agradeceu tamanha honra, allegando que se alguns serviços tinha prestado ao seu paiz elles estavam já de sobejo pagos!

* * *

Muitissimo religioso, encarou a morte com uma resignação verdadeiramente christã. Conhecendo o seu estado, pediu que lhe mandassem chamar o reverendo padre Quesada para o ouvir de confissão, assegurando ao seu capellão que não visse o clero portuguez n'aquelle seu desejo uma desconsideração da sua parte. N'essa hora tão solemne, na impossibilidade de vestir a farda de general, pediu que lhe estendessem sobre a cama o capote á militar e, com a mão direita assente sobre o seu kepi, recebeu assim os ultimos sacramentos. Em seguida dictou ao conde da Torre a singela despedida aos seus amigos e antigos camaradas, publicada no *Diario Illustrado* do 16 de fevereiro. Na antevespera da sua morte recebeu a visita de el-rei, que ao ver o velho servidor e conselheiro leal de sua mãe tão proximo d'um mundo melhor, o beijou enternecido apertando-lhe convulsamente a mão.

No dia da sua morte soffreu terrivelmente, a sua grande alma, porém, desprendendo-se do corpo transmudou-lhe no instante do passamento a phisionomia, e quem depois, como eu, o visse estendido na sua cama, fardado, batendo-lhe em cheio no rosto a luz reflexada pelo vermelho da Gran-Cruz de Christo a tiracollo, diria o velho marquez apenas adormecido... e estava morto!

BERNARDO PINHEIRO.

O MAESTRO ARRIGO BOITO — Auctor da opera Mephistopheles (Segundo uma photographia de Vilanelli)

OS PENDÕES DAS INQUISIÇÕES

DE

LISBOA E EVORA

Representam as gravuras os ornatos que pertenceram a um ou a dois pendões da inquisição de Lisboa.

O primeiro e mais singelo é de veludo preto bordado a ouro e prata com pequeno relevo. É uma especie de escudo ou medalhão com as armas do santo officio: no meio a cruz bordada a branco e orlada a negro; á direita o ramo de oliveira; á esquerda a espada; por cima da primeira a palavra *Misericordia*; por cima da segunda a palavra *Justiça*; á roda o psalmo: *Ex urge Domine et judico causam tuam.*

O outro ornato é bordado a ouro com relevo mais proeminente. Faltam-lhe as palavras *Justiça* e *Misericordia*; mas tem de roda o mesmo psalmo.

Ninguem melhor que um qualificado do santo officio e doutor theologo nos poderá interpretar o emblema que os ornatos representam:

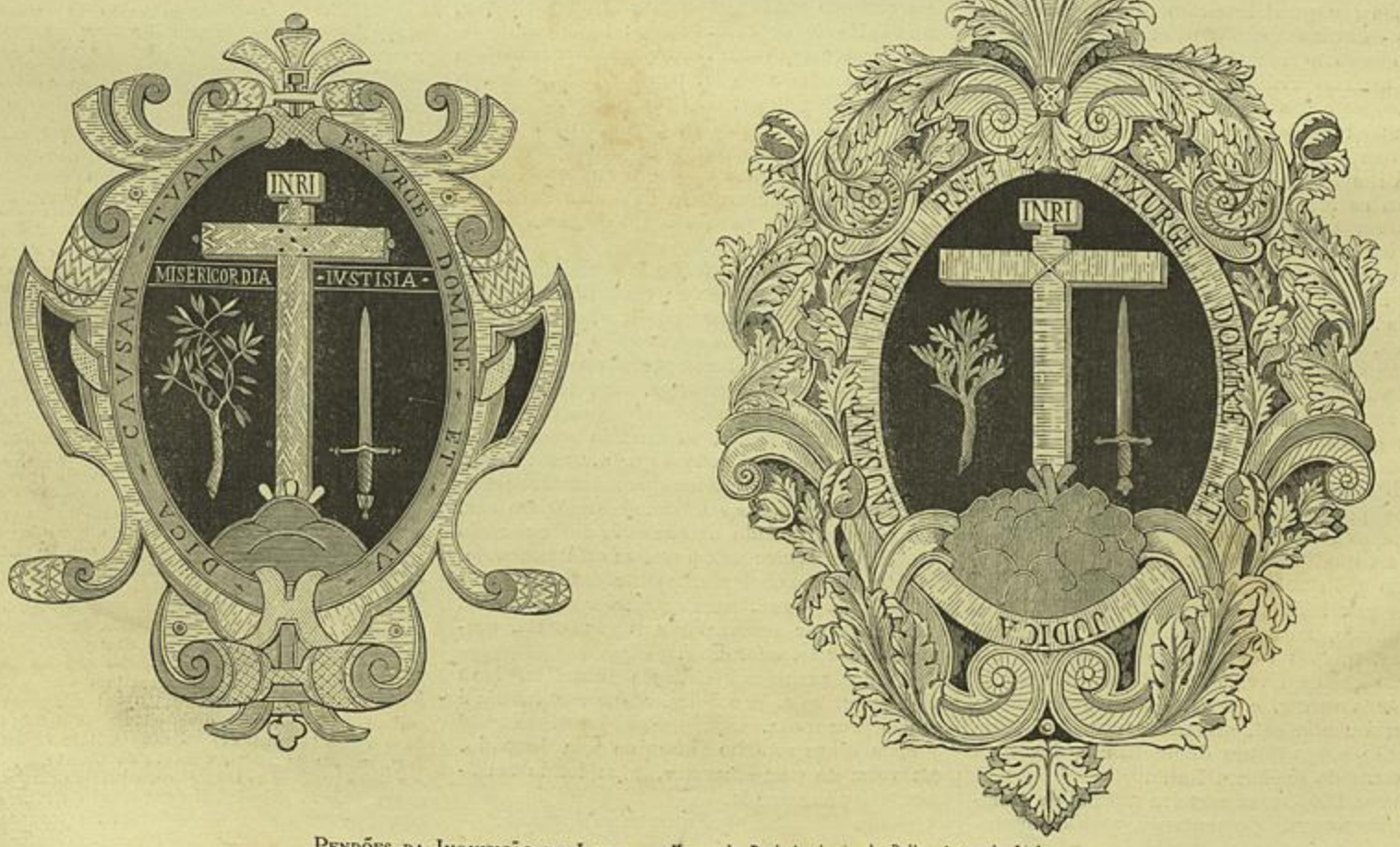
«Na espada, diz, se representa a justiça, e na oliveira se symbolisa a piedade; e como a mão direita, e não a esquerda, é a de que mais se usa, para mostrar que mais se inclina á piedade do que á justiça, tem á mão esquerda a espada, em que se representa a justiça, e á mão direita a oliveira, em que se symbolisa a piedade». [1]

A'quelles que não veem a justiça e a piedade inquisitoriaes a divisa parece dizer antes: *Crê ou morre.*

Estes ornatos estiveram no antigo thesouro no edificio que foi substituido pelo theatro de D. Maria II. Em 1873 guardava-os o porteiro do ministerio da fazenda. Actualmente conservam-se na Academia das Bellas-Artes de Lisboa.

O pendão ou pendões (porque os ornatos poderiam ter estado em um só ou em dois separados) deveriam ser de damasco encarnado. E' assim o da inquisição de Evora que, excepto a haste que dizem seria de prata, ainda hoje se conserva inteiro na Bibliotheca Publica d'aquella cidade.

[1] Dr. Francisco Torres, sermão do auto celebrado em Coimbra no terreiro de S. Miguel, aos 7 de julho de 1720.



PENDÕES DA INQUISIÇÃO DE LISBOA — Museu da Real Academia de Bellas Artes de Lisboa

GUIMARÃES — Egreja de S. Miguel onde foi baptisado D. Affonso Henriques (Segundo uma photographia)

O pendão de Evora tem de um lado um ornato muito similhante ao que representa a gravura 1.ª bordado a ouro no mesmo estylo. Do outro lado, e no meio de uma moldura egual ou parecida, vê-se a imagem de S. Pedro de Verona com a seguinte legenda em roda: *Pro sancto um nere martyrii palmam meruit obtinere.*

Pedro de Verona exercia em Milão as funcções de inquisidor quando foi assassinado. Segundo os hagiographos, a inveja que os seus milagres despertavam seria a causa do crime. Segundo outros, os rigores com que logo em principio a inquisição se tornava odiosa ao povo, promoveriam uma conspiração que prepararia o assassinato.

A. Filippe Simões.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUIMARÃES — EGREJA DE S. MIGUEL

Guimarães appellidada — *o berço da monarchia* — tem sido objecto dos escriptos de muitos dos nossos historiadores e archeologos: Os seus monumentos, em que todas as gerações desde o seculo X até ao XVII da era christã tem deixado alguma memoria, merecem a attenção de todos, e especialmente dos archeologos e artistas.

Situada a cidade n'um paiz ridente no seio da provincia de Entre Douro e Minho, não admira que lhe prestassem dedicação e affecto os mais ricos dentre os primeiros habitadores da reacção christã da peninsula.

Possuia a condessa D. Mumadona, tia de Ramiro II, rei de Leão, vastas propriedades junto a aldéa de Vimarães, e tendo perdido seu marido o conde Hermenegildo resolveu passar o resto da vida no socego do claustro. Fundou para isso um convento duplex da invocação de Nossa Senhora, — mais tarde chamado da Oliveira, renovado e transformado por D. João I em collegiada,— no anno de 927. Pouco depois, para proteger a instituição contra as incursões dos musulmanos, que então ainda dominavam ao norte de Coimbra, levantou um castello proximo áquelle. Em breve uma povoação importante veiu acercar-se do mosteiro, atraida pela liberalidade da fundadora.

É natural que esta edificasse por esse tempo a egreja de S. Miguel, que a nossa estampa representa, porque quasi todos os caracteres d'ella estão revellando essa ancianidade.

Desmembrado o condado de Portugal do de Galiza, e dado o seu governo a Henrique de Borgonha, que havia casado com D. Thereza, filha de Affonso VI de Leão e de Ximena Muniones, vieram os condes estabelecer-se em Guimarães, quasi no centro do seu condado, que se estendia até Coimbra. Ahi em 1111, segundo a mais razoavel opinião, nasceu seu filho Affonso Henriques e na egreja de S. Miguel foi baptisado pelo arcebispo de Braga S. Giraldo. Depois de Affonso Henriques ter assumido o governo do condado, transformado passados alguns annos por elle em reino, ainda Guimarães continuou a ser a côrte do nascente estado, e a egreja de S. Miguel tinha a cahegoria de capella real.

É pequeno, simples, singelo o monumento, como soiam ser as edificações d'aquelle periodo, e conservava dentro em seus muros a pia onde recebera o baptismo o nosso primeiro rei. Em 1664, porém, D. Diogo Lobo da Silva, dom prior da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, entendeu fazer uma grande obra, arrancando aquella veneranda reliquia do templosinho, com cuja simplicidade tanto se casava, e fazendo-a transportar para o monumento *joannino* da sua collegiada. Não contente com isto, ou elle ou outros, julgando que aquella pedra era singela de mais para ter servido a acto tão solemne, cobriram-na de arrebiques e doirados, com o que manifestaram a sua falta de gosto archeologico e de sentimento artistico.

As gerações modernas pouca importancia dão a estas *ninherias* archeologicas, que lá fóra merecem a mais seria attenção dos homens de sciencia, dos homens de letras e dos homens de estado, mas quem sente pulsar em si o amor da patria e da sua independencia, não póde deixar de olhar com respeito e veneração o templo, que ministrou a agua lustral ao valente e inspirado principe, que ousou lançar os fundamentos de um reino cujo nome encheu o mundo pelo seu arrojo e pelos immensos serviços prestados á causa da civilisação.

A egreja de S. Miguel entre outros privilegios contava o de ser immediata ao papa, isto é não ter outrem jurisdição immediata sobre ella senão o summo pontifice. Dentro tem dois altares o da parte do evangelho cuja invocação é Nossa Senhora da Graça e o da parte da epistola da invocação de Santa Margarida.

Exteriormente e na face opposta á que a nossa estampa apresenta vêem-se alguns tumulos mettidos em arcos abertos no grosso da parede, o que tambem é prova de antiguidade.

Ha annos, disse-se, que uma associação de senhoras tratavam de reunir meios para restaurarem a antiga capella real do conde D. Henrique e de Affonso Henriques. Fóra este um empenho digno de damas portuguezas, dignas representantes das mulheres de Diu, de Chaul e de Goa, mas não sabemos qual o resultado de tão sympathica tentativa.

No entanto não deixaremos passar esta occasião sem lembrar-mos mais uma vez a necessidade urgente de se tratar seriamente da conservação dos nossos monumentos de toda a ordem.

VIAGENS

DOS SRS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

VIII

Quando, entre os Ma-Iacas de leste, veem as comitivas pagar tributos ao Cassongo, este dá-lhes, quasi sempre, pretos como victimas a sacrificar. Esses pretos porém devem ser comidos longe das sanzalas.

Procuram-se para esse fim as clareiras, occultas pelas grandes florestas, nas altas e espessas *mitambas* de leste. Então, emquanto n'uma festa geral o *batuque* anima todos aquelles selvagens, os negros escravos são esquartejados.

É ao cahir da tarde que o banquete começa.

Em differentes pontos da clareira,— que são outros tantos centros de dança e movimentos festivos, — accendem-se, com grossos madeiros altas fogueiras flammejantes que avermelham em volta, aos sobresaltos, os *N'Pafos*, enramadas e gigantes *Burseraceus* que dão a gomma, as tecas *muhungos* enlaçadas pelas cordas collossaes das *Apocinaceas* que produzem a borracha, e onde se assam os boccados dos pretos que hão de ser comidos pelos seus companheiros.

Espetadas em paos compridos, elevando-se acima das fogueiras, veem-se, principalmente phantasticas, as mãos dos defuntos. Para isso as rasgam das extremidades até ao pulso, lhes mettem nas feridas pequenas *muchas* de sal, e as conservam assim abertas, hirtas, estendendo-se de alto como se estivessem abençoando, tranquilla e religiosamente um fogo sagrado.

Os dignitarios, sentados em roda, com grandes pennas nas cabeças, comem então.

As cabeças dos negros mortos são sempre dadas aos mais graduados dentre elles.

E como dentro em pouco o vinho da *mafia* embebeda tudo, a orgia prosegue violenta até madrugada.

E, até longe, em volta da floresta, a aragem espalha um cheiro intenso á carne assada dos negros que os Ma-Iacas devoram.

Quatorze Bamsunbi dos que andaram com os Exploradores portuguezes tinham já comido gente.

IX

De leste tambem, do Peinde, souberam os Exploradores das extranhas cerimonias da posse de cada novo Soba: Deve elle passar uma noite unica de nupcias provisorias com a mais velha das suas parentas. O leito d'esse extranho noivado é formado por pelles de animaes. e o travesseiro é sempre, symbolicamente, um grande Jacaré, vivo mas amarrado, onde os noivos de poucas horas encostam as cabeças.

Uma tarde em Quioco voltavam os Exploradores do matto e entravam n'uma Libata tranquilla entre as arvores.

Algumas mulheres estendiam sobre as esteiras chamadas *Loandos* as mandiocas que de manhã haviam trazido das lavras distantes; e outras transportavam as mandiocas já seccas para os *pilões*, onde as pisavam a compasso, despejando, de vez em quando, a farinha para as *guindas*, cestas collocadas, ao pé, no chão.

Os homens preguiçosos, acocorados fumavam, nos cachimbos de pipos longos, ou faziam esteiras, estendidos sobre as palhas, ou desbastavam, indolentemente, os cabos das machadas.

As creanças nuas, mas sempre com um cordel atado em volta dos rins, de ventre desenvolvido e umbigos salientes, corriam e saltavam em volta dos grupos; e alguns porcos fossavam apanhando os boccados despresados das mandiocas seccas.

Então, de repente, todos se interromperam nas suas occupações, e, com grandes movimentos, indicando, na orla do matto, um sitio especial, começaram n'uma grande grita temerosa.

Com effeito, junto das primeiras arvores, sob as grandes acacias, e de entre o alto capim verde claro, surgiu uma extraordinaria apparição:

Uma collossal cabeça de pao, especie de mascara de expressão phantastica, cobria a cabeça de um homem. Essa mascara tinha umas aberturas para os olhos, para o nariz e para a bocca, e, na sua immobilidade, apresentava o que quer que fosse do aspecto d'uma caveira, mutilada, ironica, cruel e desapiedada.

Lentamente, elevava-se do matto o mono de pao e deixava destacarem-se uns hombros, depois dois braços arqueados, depois, para o fim, o corpo inteiro, coberto por uma rede feita pelo entrelaçamento das folhas d'um *borassus*.

Á cinta, tufada como a de uma dançarina, trazia um saiote de capim.

Uma das mãos segurava uma campainha que tocava a espaços, agitando os pulsos d'onde pendiam dois guisos.

Saiu primeiro do matto alto uma das pernas que estendeu com serenidade comica, depois saiu a outra perna e assim avançou a extraordinaria figura, silenciosamente, acenando com a cabeça e fazendo soar as manilhas que trazia nos tornezellos onde se entrechocavam as sementes volumosas de leguminosas.

E em volta, interessados, os habitantes da Sanzala, correndo de todos os pontos para ver o recemchegado exclamavam:

— *Mu-Quiche! Mu-Quiche!*

O mascarado então começou a correr e a dançar d'um lado para o outro tocando sempre campainha e fallando aos homens e mulheres dos grupos por onde passava, fazendo rir uns com gargalhadas estridentes e fugir outros invergonhados do que ouviam, ou assustados como se temessem ser castigados, mas repetindo todos:

— *Mu-Quiche! Mu-Quiche!*

Mas, por entre o capim do matto, apparecendo e desapparecendo successivamente entre as arvores, começou a vêr-se um outro mascarado, vestido proximamente como o primeiro mas elevado sobre duas altas andas.

O primeiro continuava entretanto a agitar-se, fallando, perneando, dançando ao som da campainha e dos guisos. Mas o segundo não se resolvia a entrar na Sanzala, espreitando o outro, occultando-se atraz das arvores da floresta, como que medroso ou desconfiado, até que desappareceu ao longe entre o matto.

O *Mu-Quiche* apparece entre muitos dos povos d'Africa.

Um viajante já quiz consideral-o sempre com o representante d'uma vasta maçonaria negra, especie de sociedade secreta formada para castigar faltas ou crimes e para defeza dos fracos.

Os Exploradores portuguezes não encontraram a menor base para uma tal opinião que parece ser uma romantisação europeia e *edade media* dos costumes, bem differentes, dos povos africanos.

O *Mu-Quiche* tem porem, indubitavelmente, entre estes, uma consideravel e mysteriosa influencia.

As mascaras de pau e as insignias que o caracterisam escondem se no matto. Muitas vezes as encontravam ahi os Exploradores portuguezes nas suas viagens. D'ahi as tomam não se sabe que pessoas em segredo inviolavel.

O *Mu-Quiche* é desde tempos antiquissimos considerado como um ser que possue, sobre a vida dos outros homens, segredos extraordinarios, intimos: Elle sabe os motivos das acções de cada um, as suas faltas e todos lhe reconhecem o direito de as denunciar e castigar.

O *Mu-Quiche*, accusa assim publicamente, diante dos Sobas que o consentem, homens e mulheres, e, ás vezes, com um chicote ou um pau, bate-lhes, sem que os réos se atrevam a resistir e com o applauso dos que em volta assistem á execução.

Não se sabe bem se o fato de *Mu-Quiche* e a sua missão justiceira constituem privilegio tradiccional de algumas familias africanas. Sabe-se porém que, hoje principalmente, muitos homens se disfarçam em *Mu-Quiche* de proposito para surprehender as mulheres que suppõem adulteras ou descobrir quaesquer outros males que se tramem contra elles.

Crê-se tambem que o *Mu-Quiche* póde conjurar a influencia dos feitiços, promover chuvas, desfazer tempestades, etc.

X

O modo de fazer a guerra é muito curioso entre todos os povos d'esta parte d'Africa:

Um Soba reune-se com os seus *macotas* ou altos dignatarios e, por motivos que se conservam secretos, decide-se a fazer a guerra a um povo que, em muitos casos, se não sabe qual é.

Um sitio é designado para logar do primeiro acampamento.

Os *macotas* pregam por toda a parte a guerra e para ali dirigem os diversos contingentes.

Então pelos guerreiros reunidos distribue-se apenas polvora.

Tudo o mais hade o saque e a rapina fornecel-o dos territorios que a *guerra* fôr atravessando.

Nos acampamentos onde param levantam-se discussões violentas que duram dias e noites. Os oradores trepam para fallar, com ligeireza ao alto das arvores e d'ahi expõem largamente as suas idéas.

Em volta uns fumam, outros bebem e, a espaços, para chamar a attenção, muitos gritam:

— Oé! Oé! Oé!

Durante algum tempo o que fala, do alto, é escutado em silencio. Mas alguns interrompem, outros gritam e um grande alboroto se segue, que logo depois acalma para novamente se ouvir a voz do orador, ás vezes festejada com palmas e com exclamações.

— Eoá! Eoá! Eoá!

Outras vezes, de repente, do cimo de uma arvore fronteira, um segundo orador começa a fallar combatendo o primeiro.

A menos de um dia de marcha do objectivo da expedição pára-se sempre; e, na madrugada seguinte, antes que rompa o dia, a Sanzala inimiga é cercada e atacada. É tudo ali saqueado, e todos os habitantes são presos, e presos ficam até que os parentes livres, os resgatem com presentes.

Ha guerras em que não morre ninguem. N'outras morre apenas o Soba vencido.

(Continua) ALBERTO DE CERVAES.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

A segunda sessão do congresso de anthropologia foi presidida pelo illustre professor o sr. Capellini, representante da universidade de Bolonha e de sua magestade o rei de Italia.

Aberta a sessão foi pelo sr. Conde de Ficalho lido um trabalho do sabio professor suisso o sr. Oswald Heer (de quem fallaremos em artigo especial) *Sobre as plantas terciarias* de Portugal, e que por engano dissemos ter sido lido pelo sr. Choffat.

Os exemplares haviam sido recolhidos pelo sr. Carlos Ribeiro em quatro localidades diversas: Azambuja, Quinta do Bacalhau, Campo Grande e Portella. Comprehendem ao todo 36 especies das quaes 25 se encontram em outras partes da Europa, e 24 se acham nos depositos *miocénes* superiores.

D'estas especies ha 22 no *molasse* superior da Suissa, e 18 em Œningen. Encontram-se tambem 14 d'ellas entre as plantas das argillas azues e quêimadas do Valle do Arno, que são do fim do *miocéne*, e 12 entre os gypsos de Senigaglia.

Tambem se acham espalhadas 16 d'essas especies nos depositos *miocénes* medio e inferior, pertencendo ao numero assaz consideravel, de plantas miocénes que persistiram até o principio do *pliocéne*, e por isso muitas d'ellas apparecem n'esta formação.

Portugal tem 13 especies em commum com o *pliocéne* de Italia e da França das quaes 11 pertencem ao valle do Arno.

Por emquanto apenas se reconheceu que 8 d'essas especies são possuidas em commum pela França e Portugal, mas parece que a flora terciaria d'aquelle paiz até aqui observada, pertence ás camadas *eocéne*, *miocéne* inferior e *pliocéne*, completando pois a nossa flora d'aquella epocha a lacuna entre o *miocéne* inferior e *pliocéne*, por isso que pertence ao *miocéne* superior, sendo muito provavel que ellas se venham ainda a encontrar em França e Hespanha nas camadas correspondentes áquella.

N'essa epocha o mar estendia-se ainda até ao valle do Arno e cobria a bacia do Pó, mas já tinha desapparecido da Europa Central, formando então já a França e a Peninsula Hispanica uma parte do continente europeu, innegavelmente coberto de vegetação, cujos primeiros vestigios são manifestados pelas plantas fosseis do nosso paiz.

Muitos typos tropicaes tinham já desaparecido da Europa. Havia n'ella então menos arvores de folhas sempre verdes do que nas epocas *eocéne* e *miocéne* inferior; o que indica um abaixamento gradual de temperatura. Na epoca *miocéne* superior porém uma vegetação opulenta deve ter revestido todo o paiz. Os loureiros, carvalhos sempre verdes, figueiras, arvores de camphora, palmeiras e varias plantas trepadoras deviam dar á Europa central um aspecto subtropical, e em Portugal mais esplendida devia ser a vegetação, como era determinado pela sua situação austral. Muitas plantas por isso devem ter permanecido mais tempo aqui do que na Europa central de que é prova o eucalypto da quinta do Bacalhau.

O exame da flora terciaria de Portugal mostra tambem que, na epocha em que se formaram os depositos referidos, o clima devia ser egual ao de hoje e talvez um pouco mais brando.

A estas conclusões, reveladas pelos trabalhos do eminente naturalista suisso, aditou o sr. conde de Ficalho outras observações suas, consignadas em um trabalho que apresentou e do qual se conclue que o clima de Portugal devia então ser muito mais brando que o da Europa central.

Insistiu o sr. conde de Ficalho sobre as relações da flora de então com a da Asia Central e do Japão. E d'aqui um problema assaz complicado, se esses typos, como parece provavel, se espalharam na America e no *continente atlantico*, e assim passaram com outras fórmas americanas pelo oeste para a Europa.

É irrecusavel portanto, em vista do aspecto subtropical da vegetação, que a temperatura media de Portugal, na epoca *miocéne* devia ser mais egual e de 20°, sendo superior 5° ao que ella é actualmente.

Em seguida leu o sr. Schaaffausen a sua memoria *O homem prehistorico*. N'este trabalho o illustre professor de Bonn, depois de algumas considerações geraes sobre a antiguidade do homem, declara que examinando em Bruxellas os silex da collecção do padre Bourgeois reconheceu, em muitos, vestigios assaz claros da mão do homem, affirmando porém que lhe não parece possivel separar completamente as epocas terciarias e quaternarias e as suas subdivisões.

Quanto ás incisões feitas nos ossos de balêa apresentados ao congresso em Buda-Pesth pelo professor Capellini, mostra as suas duvidas e a razão porque não póde admittir que sejam produzidas pela mão do homem.

Tratando do craneo de Neanderthal, faz notar a sua antiguidade e os seus caracteres pithecoides, e diz que nem o seu typo nem o da maxilla de la Naulette existem em especie nenhuma actual. Concluindo que o homem deve ter apparecido sobre a terra entre o periodo *miocéne* e o *post-pliocéne*.

Em seguida o sr. De Quatrefages tomando a palavra disse que é bem conhecida a sua opinião sobre a questão actual; que não póde admittir que houvesse outr'ora um ser intermediario ao homem e aos macacos anthropomorphos, descendente d'estes e nosso directo antepassado. Disse que o craneo a que se referiu Schaafhausen, e que é sempre invocado quando se toca n'esta questão nada prova, não tem na realidade caracteres excepcionaes, e é um typo mais pronunciado d'uma fórma cephalica que elle e o sr. Hamy mostraram existir em graus diversos; e até o sr. Vogt provou que se tem reproduzido nos tempos presentes, sendo muito compativel com um desenvolvimento intellectual assaz poderoso.

Disse finalmente que as origens humanas são apenas um caso da questão das origens das especies animaes, que elle não queria levantar ali, para evitar longas discussões, limitando-se a recordar que as considerações morphologicas não bastam para ferir e resolver o problema, devendo entrar-se em linha de conta, para esse fim, com as leis physiologicas communs aos animaes e aos vegetaes.

A este respeito levantou-se então uma discussão em que tomaram parte varios sabios que apoiam pela maior parte as theorias do transformismo.

O sr. Mortillet disse que Darwin fez todos os seus trabalhos fóra do dominio da anthropologia; De Quatrefages mostrou que aquelle naturalista confundiu a raça com a especie; Schaafausen insistiu em que não se póde explicar a existencia do homem prehistorico senão pelo transformismo.

Depois passaram os membros do Congresso a examinar as galerias da secção geologica, demorando-se principalmente na de anthropologia, cujo assumpto estava immediatamente affecto ao congresso.

Ás 2 horas da tarde tornou a abrir-se a sessão. Proseguiu ainda o debate levantado na da manhã entre os srs. Schaafhausen e De Quatrefages.

O sr. Carlos Ribeiro, cuja saude, muito alterada, foi sensivelmente prejudicada pelos trabalhos preparatorios do congresso, não póde assistir a algumas das suas sessões e não assistiu a esta.

Começou então a leitura que o sr. Nery Delgado fez da sua memoria — *Descripção da gruta da Furninha em Peniche*. N'esta memoria avulta a menção de uma grande quantidade de ossos de especies animaes encontrados n'uma especie de poço que continha sete niveis diversos, separados uns dos outros por espessos bancos d'areia Esta disposição não permittiu a mistura dos ossos do periodo quaternario com os do actual.

A gruta encerra dois depositos: um quaternario outro neolithico. Os depositos da primeira edade são assaz espessos. Os ossos são quebrados pelo homem. Os coprolithos e os ossos roidos indicam que a gruta serviu de abrigo ás hyenas. Encontraram-se ali tambem uma ponta de silex do typo de Saint-Acheul, uma pequena faca da mesma materia, e algumas lascas tanto de silex como de quartzo.

A este respeito fez notar o sr. Mortillet que o typo de Saint-Acheul, o mais antigo e o mais puro está representado n'esta gruta, ao que acrescentou o sr. Evans que na Inglaterra este typo, que é verdadeiramente o mais antigo, se encontrou nas camadas profundas de certas cavernas.

Em seguida foi pelo sr. Cartailhac lido o trabalho do sr. Carlos Ribeiro: *O homem terciario em Portugal*, leitura que o nosso geologo, por falta de saude, não poude fazer. N'esse trabalho, depois de recordar toda a historia do descobrimento do *homem quaternario*, e do que se passára até ahi com relação ao *homem terciario*, referindo-se aos estudos paleonthologicos, mostra como por elles se reconheceu o grande desenvolvimento da flora e fauna *miocéne*, favorecidas por um clima admiravel. Cita os descobrimentos dos dois grandes macacos fosseis em Sansan e Saint-Gaudens, que revelaram ao mundo um passado desconhecido, mostrando que o sabio Larte', pelo estudo relativo aos mammiferos fosseis do periodo *miocéne* concluira que a especie humana se devia encontrar n'essa epoca um tanto constrangida no seu desenvolvimento, sem que isto baste para determinar a sua não existencia. Relata como as descobertas posteriores em Aurillac, Saint Prest e Thenay vieram lançar grande luz na questão. Renova depois os seus descobrimentos realisados ha 18 annos, as suas communicações feitas em Bruxellas e Pariz, diz que é verdade faltarem ossos humanos nas suas collecções, mas que os geologos sabem quanto é occasional o encontro de taes vestigios nas camadas antigas. Se porém faltam ossos, abundam no entanto os silex e as quartzites que apresentam provas bastantes da acção exercida n'ellas pela mão do homem, e cujas fórmas se aproximam dos typos das pontas, facas, raspadeiras, machados, ainda que muito grosseiramente.

Nota que os mares do periodo *eocéne* não cobriam as partes onde taes instrumentos se encontraram, ao passo que no periodo *miocéne* foram occupados alternativamente por mares ou grandes lagos. Perturbações locaes assignalam este periodo, intervalladas por alguns repousos e durante a sua duração varios molluscos de agua doce frequentavam o lago. Tendo emfim dominado as perturbações vulcanicas, os individuos que talhavam as pedras se estabeleceram nas margens da parte da bacia formada pelas colinas da cadeia que passa em Alemquer, abundando os silex do Carregado ao Cercal: que fazem parte integrante das camadas *miocéne*; tem arestas geralmente vivas; e são revestidos de *patine* e corados pela rocha envolvente.

A formação que os contém começa por camadas de calcareo branco saibrento de 2 a 20 metros, por cima da qual assenta uma forte camada arenaceo-argillosa avermelhada de 50 a 100 metros, sobremontada finalmente por um terreno fossilifero.

Desabamentos determinaram a formação dos valles e a desnudação que varreu a maior parte dos saibros *pliocénes* da encosta direita do Tejo, de uma parte das camadas *miocénes*. Entre os logares de Otta e Azambuja as camadas que occupam a parte superior da formação e consistindo em grês, argilla, etc. cuja possança não excede a 8 metros, apresentam superiormente ossos de animaes e inferiormente impressões de plantas. Estas foram descriptas pelos srs. Heer e Conde de Ficalho, aquelles são principalmente o *mastodonte, listriodon, sus provincialis* e *chœroides, antilope recticornis, rhinoceros minutus*, etc.

O sr. Mortillet tomando a palavra louvou os esforços do sr. Carlos Ribeiro, e disse que tendo examinado a collecção dos silex reconhecia entre elles de 20 a 30 que apresentavam indubitavelmente trabalho intencional, e que vem do terreno com esses caracteres; se este porém é ou não terciario o congresso verificará.

Sob proposta do sr. Virchow nomeou-se uma commissão para examinar os terrenos em questão.

O sr. Evans propoz que para se examinar com prudencia e circumspecção o terreno se prescrevesse que quando qualquer membro do congresso encontrasse um silex o não extraisse da camada onde fosse visto, sem dar parte a outros collegas, para ser verificada incontestavelmente a sua posição e jazigo.

O sr. Capellini, presidente, resumindo o que se acabava de tratar apoiou os argumentos do sr. Carlos Ribeiro com os factos observados por elle na Italia, concluindo que o que ficava para decidir no proprio terreno era a questão geologica, visto que os silex existem, e se effectivamente elles estão a baixo da fauna fossil era isso do maior interesse para a questão da existencia do homem terciario.

(Continúa.) R.

O NURSERY

(Conclusão)

Fui até á praia dar ar e sol a estes espiritos já instinctivamente preoccupados com as futuras canceiras e encargos da vida, encargos que afinal lhes apparecerão com toda a sua crua realidade mais cedo por certo do que o seu desejo.

Era um meio dia de maio d'uma limpidez triumphante e ampla.

Em quanto o bando se dispersava alegre pela praia rebolando-se na areia n'um rir inextinguivel e sadio, eu estendi-me tambem no areal, de ventre para o ar como um vadio, pondo as mãos debaixo da cabeça em fórma de travesseiro.

Taine diz algures que para se admirarem bem e á vontade os frescos collossaes da capella Sextina é preciso vel-os deitado no pavimento atapetado da capella, de ventre para cima. O azul transparente e illimitado da atmosphera, visto tambem assim por um dia claro e limpo de maio, causa-nos uma impressão desconhecida e phantastica. Parece que se recebe uma sensação mais completa e mais profunda da immensidade, e sentimo-nos por isso d'uma pequenez atomica e como perdidos

n'aquelle incommensuravel azul que nos encara com a impassibilidade fria e silenciosa de um mysterio.

A contemplação, não a contemplação lamartiniana dos lyricos doentes e incomprehendidos, mas a contemplação austera dos espiritos viris mordidos pelo eterno abutre da curiosidade, é um dos maiores prazeres que á nossa especie é dado gozar. Depois de uma d'essas viagens vertiginosas pelo desconhecido, voltâmos á vida real mais aptos para lutar e mais sequiosos de saber.

Que soluções futuras e imprevistas nos reserva a sciencia n'esse infinito espaço, que nos cerca por toda a parte e onde vagamos perdidos levados pelo eterno turbilhão da materia n'um correr desapoderado e interminavel? Conhecemos as leis do movimento de alguns corpos celestes, sabemos que o movimento é talvez a propriedade mais geral da materia, conseguimos medir a distancia que nos separa de alguns d'esses corpos, avaliar-lhes o seu peso, o seu volume e a sua densidade, analysar-lhes a sua composição chimica e pensamos em nos communicarmos com elles pela palavra, mandando-lh'a nos raios da luz. Mas tudo isto é pouquissimo perante as ambições impacientes e insaciaveis da nossa curiosidade.

Que espiritos povam esses infinitos mundos, visto que já hoje é mais do que pueril admittir que a vida, esta espantosa força universal, applicou a sua incommensuravel resultante em um ponto invisivel do espaço, para só aqui exercer a sua actividade?

Que civilisações se desenrolam á superficie d'esses incontaveis mundos, que nos contemplam das mudas profundidades do infinito com o seu olhar phosphorescente e vago de feras nocturnas?

Quando é que a sciencia responderá a estas interrogações?

Qual será o espirito immortal que levante o veu d'este assombroso mysterio?

Quem nos consolará d'esta desolada tristeza de não vermos essas soluções do futuro, de morrer mergulhados n'esta escuridão espessa e irritante?

A theologia aponta-nos dogmaticamente para a religião, a metaphysica para a hypothese gratuita da immortalidade. A sciencia diz-nos que nos dominios do verificavel sabe pouco, apesar de ambicionar saber tudo, mas que para além d'esses dominios não sabe nada, nem nunca poderá saber cousa alguma. Assim a theologia conhece o desconhecido, a metaphysica o indemonstravel, a sciencia conhece apenas o demonstrado. E é singular que seja a theologia e a metaphysica que accusem a sciencia de orgulhosa. E' uma d'estas accusações banaes que passou em julgado e que correm como moeda de lei, sendo poucos os que se lembram de a tocar e verificar que é falsa.

Fui interrompido n'estas descozidas cogitações pela voz de uma de minhas filhas que me perguntava:

— Ó papá, porque é que a agua do mar é salgada e a da fonte não?

— Por uma razão muito simples, minha filha: porque a agua do mar tem sal e a da fonte não, ou tem tão pouco que lh'o não sentes quando a bebes.

Minha filha ficou um pouco atrapalhada com esta explicação á Monsieur de la Palisse e depois de um momento de reflexão em que percebeu que a minha explicação nada explicava, replicou levemente enguiçada:

— Mas por que é que a agua do mar tem sal e a da fonte o não tem?

— Ah! isso agora é um pouco mais complicado, mas eu vou vêr se te explico a cousa. A agua do mar tem sal, como tem peixes, como tem areia, como tem plantas, como tem outras cousas, por que lá estão e porque nós lá as vemos ou porque lá as descobrimos. A agua que tu bebes da fonte não tem sal porque o sol lh'o tirou.

— Como? O sol?

— Sim, o sol. O calor do sol aquece a agua do mar, como o calor do lume aquece a agua nas panellas, e assim como a agua das panellas lhes sae pela boca em vapor assim a agua do mar sobe em vapor lá para cima para a atmosphera. Alli faz-se a agua em nuvens, as nuvens caem em chuva sobre a terra, que absorve a agua, que vae correr nas fontes. A agua do mar ao subir porém para a atmosphera separa-se do sal, porque este é muito pesado e então lá fica no mar á espera da agua, que tantas voltas dá que afinal lá torna mais tarde ou mais cedo a reunir-se ao sal.

O rancho tinha-se aproximado e escutava mais ou menos attento a explicação.

— Mas quem fez o mar? preguntou minha filha segunda.

— E' provavel que o fizesse quem fez a areia, quem fez os montes, quem fez a terra, quem fez as estrellas, quem fez tudo.

— A Guilhermina diz que foi Deus, observou a que me fizera a pergunta.

— E' que a Guilhermina sabe mais do que eu.

A Guilhermina corou levemente pelo facto apenas das attenções se voltarem para ella.

— Tu sabes quem fez o mar, Guilhermina? perguntei eu. Então talvez saibas tambem quem fez Deus.

O rubôr das faces tornou-se-lhe mais intenso, e ella respondeu-me ingenuamente:

— Não sei.

— Tambem eu não. Tu não sabes quem fez Deus, e eu não sei quem fez o mar. Mas afinal tu sempre sabes mais do que eu, porque sabes quem fez o mar e eu nem tanto sei. Vamos nós jantar, que são horas?

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

VIAGEM DE EXPLORAÇAO NA AFRICA EQUATORIAL

MUC-QUSCHE CU-HANGANA, DEUSES DA FLORESTA (Segundo desenhos dos exploradores Capello e Ivens)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BANCO DO POVO, *sociedade anonyma. Relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, sobre a gerencia do anno findo em 31 de dezembro de* 1880 — 16 pag. — N'este relatorio se mostra o estado prospero d'este modesto e util estabelecimento, e a regularidade que tem sido a norma da sua gerencia.

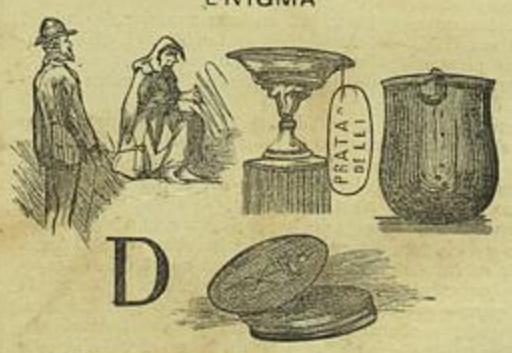
DISCURSO CONTRA A CORÔA, *pronunciado em 12 de dezembro de* 1880 *nas salas dos centros republicanos, por Alfredo Ansur, Lisboa, Typ. Rua do Bemformoso.* 223, 1881. — 55 pag.

REVISTA DA SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO DO PORTO — n.º 2 — 1 de fevereiro de 1881, com varios artigos interessantes sobre a litteratura e orthographia portugueza dos srs. Theophilo Braga e Tito de Noronha, sobre botanica; sobre a aprendizagem nos officios, traduzido pelo sr. Joaquim de Vasconcellos etc., com que se vae formando a importancia d'esta util publicação.

COIMBRA MEDICA, *revista quinzenal de medicina e cirurgia* — n.os 2 e 3 — dirigida pelo sr. dr. Augusto Rocha, e collaborada por toda a faculdade de medicina e outros facultativos distinctos, com varios artigos importantes e de muito levantado criterio.

O POSITIVISMO, *revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos* — Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12, Largo dos Loyos, 14 — n.º 2. dezembro de 1880 e janeiro de 1881 — fasciculo de 88 pag. com artigos sobre diversas materias, sendo muito notavel o que se intitula — *Contribuições para uma mythologia popular portugueza*, que é o V de uma série de estudos interessantissima com que o sr. Consigliéri Pedroso, tem salvado do desapparecimento, esses escassos e notaveis restos das nossas superstições populares; e outro do sr. Theophilo Braga — *Gil Vicente, ourives e poeta*, em que aquelle escriptor, acceitando parte das conclusões do artigo do nosso collaborador o sr. Brito Rebello, sobre o mesmo assumpto, intitulado — *A custodia do convento dos Jeronymos*, persiste na sua opinião da identidade das pessoas do ourives e poeta d'aquelle nome.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Mesa redonda não tem cabeceira.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6